

## O Ponto de Vista da Leitora: Desejo de Lonjura<sup>1</sup>

The Reader's Point of View: The Wish of a Necessary Distance

DETONI, M.C.<sup>2</sup>

Instituto Contemporâneo Psicanálise e Transdisciplinaridade  
Av. Vasco da Gama 720/1004 – Rio Branco – POA. F: 51- 991176800  
[mcdetoni@gmail.com](mailto:mcdetoni@gmail.com)

---

**Resumo:** Este trabalho propõe um passeio pelas regiões ou zonas do *intermezzo* no campo da subjetividade para pensar a relação entre filosofia, clínica e literatura. Apostando na potência deste diálogo transdisciplinar a fim de construir, com a literatura e através dela, operadores da clínica contemporânea, o presente artigo vale-se de autores como Winnicott e Deleuze.

**Palavras-chave:** clínica, filosofia, literatura, uso do objeto.

**Abstract:** This paper proposes a tour along regions or *intermezzo* zones in the field of subjectivity to think the relations among philosophy, clinic and literature. Betting on the power of a transdisciplinary dialogue with and across literature, this article draws on authors such as Winnicott and Deleuze so as to build contemporary clinic operators.

**Keyword:** clinic, philosophy, literature, object use.

---

### Introdução

“Sobretudo, não me confundam com outro!” Nietzsche, 1989

Este texto tem a informalidade característica das comunicações orais, mas pretende manter o rigor de uma escrita que faz diálogos conceituais como forma de mover e forçar o pensamento como práxis ética.

Não falo do ponto de vista da escritura. Falo como leitora. Escrevo como leitora e leio com vocês porque se trata de compartilhar pinceladas de um tema<sup>3</sup> bastante amplo e complexo. Tenho a pretensão de pensar a literatura na sua condição de operador clínico. Ou seja, fazer o exercício de

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no Simpósio “O que entendemos por psicanálise contemporânea,” proposto pelo Dr. Roberto Graña no Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade em Porto Alegre/RS, no dia 01/07/2019. Psicanálise e Literatura é o tema que dá origem ao presente artigo.

<sup>2</sup> Psicóloga

pensar com a literatura, e não sobre ela. Espero transitar justo nesta fronteira transdisciplinar - psicanálise/literatura/filosofia.

Ler é um tempo que dedicamos às letras que *um outro* foi dispendo. Ler é palavra fértil. Presta para minuciar o mundo, para ler a sorte, diria a cigana, ler as cartas, diria a cartomante, ler o livro, diria a professora. LER, diria o médico. Ler como uma forma de percorrer o mundo e a si.

O encontro das pessoas com as letras cria lentes por onde se olha a vida, produzindo um namoro, ou melhor, uma intimidade do leitor com o pensamento/corpo<sup>4</sup>. A leitura coopera para complexificar o olhar sobre si, sobre o outro e os diferentes mundos. Ela é vizinha ou lindeira da clínica<sup>5</sup>. Ambas têm vocação ficcionista, e assim, a literatura a que me refiro neste texto é potente como possível ferramenta de qualificação de nossa máquina perceptiva e pouco generosa com o entretenimento.

Na leitura de *A Carne e a Escrita* (Graña, 2005, 15, 205), encontramos um trabalho que nos alerta sobre o fato de que o uso da literatura na clínica floresce a partir de um diálogo, e não como pretense caso clínico, seja do autor ou de seus personagens. A literatura, neste trabalho, apresenta-se como “espaço potencialmente favorável” ao novo, que é nativo de um campo intermediário e não consiste na experiência de um sujeito com um objeto, mas na multiplicidade vincular onde não há lugar para dicotomias e dualismos, pois estamos justo frente à produção de imanência<sup>6</sup> no campo do vir a ser. Por isso o autor, citando Barthes, afirma que “texto é tecido”.

Em *Ecce Homo* (1989, 53), Nietzsche lança, já no título, uma pergunta afirmativa: Como se vem a ser o que se é!?<sup>7</sup> Como confeccionamos sem trégua nossa existência? Essa é, a meu ver, uma boa questão para a clínica que abre as portas do diálogo entre psicanálise, filosofia e literatura e a própria relação do ler e escrever.

---

<sup>4</sup> Tomo aqui a ideia de pensamento como um deslocamento do dogma e da representação ao modo das afecções através de uma leitura deleuziana do corpo, pensamento e signo. A esse respeito, ver Deleuze em Proust e os Signos. Entre a filosofia e a literatura, Deleuze propõe o exercício do pensamento. Sua inquietação está em responder algumas questões: o que é pensar? O que nos faz pensar? O pensamento é algo natural? Para o autor, o ato de pensar é fruto de uma violência. Somos afetados, recebemos um tipo de choque para sairmos da inércia do pensamento, isto é, do estado natural de estupor, uma vez que pensar não é um ato espontâneo.

<sup>5</sup> Graña, Roberto. (2019). Anotações de Curso sobre Winnicott. Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre, 2019.

<sup>6</sup> Platô em que não há um objeto externo que causa, mas no qual o que causa e seu efeito pertencem à mesma realidade, como o objeto winnicottiano – o bebê cria e encontra o objeto. É o oposto de transcendência, uma vez que, na transcendência, a causa está afastada de seu efeito, como a relação de deus na criação do mundo ou aquilo que nos causa de forma distante.

<sup>7</sup> Nietzsche escreveu capítulos como “Por que sou tão inteligente” e “Por que escrevo bons livros”, num livro autobiográfico chamado “Ecce Homo”.

Em *Crítica e Clínica*, Deleuze (1996,11) abre seu livro dizendo que escrever “não é impor uma forma para uma matéria vivida”, visto que a escrita é o efeito de um processo de ver e ouvir entre palavras, ou seja, reside no campo do devir. Sua ética/estética é a do inacabado e, dessa forma, a literatura é circunjacente à confecção do ser para toda gente.

Ficcionalizar um si mesmo, uma existência, é a longa tarefa de tecer sintomas. Sintomas são como umbrais, um limiar de intensidades que caprichosamente desenham o existir. A literatura habita esse limiar de forma despudorada, construindo coletivos de umbrais por onde se vive a geografia do mundo (Couto, 2008, 21). É dessa forma que, como leitora, sinto a literatura: feito um deboche dos nossos acanhados dramas individuais, uma vez que ela nos rouba esse diminuto mundo de prepotência e importância, produzindo não uma generalidade, mas uma impessoalidade de expressão singular (Deleuze, 1996, 13). Ou seja, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é<sup>8</sup>.

Literatura é uma forma de dar linguagem, voz, para a vida e sua complexidade que, (Deleuze, 2008) ao forçar o escritor a criar novas línguas<sup>9</sup>, alarga visões de mundo que transcendem a individualidade. Ao leitor cabe este deciframento linguístico e a imersão no estado delirante construído na ficção do que lê. Ler é delirar, ou ainda, “mais que tudo e além de tudo, poiesis, criação, co-criação.” (Graña, 2005, 65).

A literatura precisa do escutador, aquele que coloca sua audição a serviço do que está sendo contado. Ouvir histórias como transposição de nossa própria identidade, como um exercício de alteridade que vai construindo a condição de leitor. A leitura é um ato de estar só, mas acompanhado, uma capacidade, como diz Winnicott (1998), de “estar só na presença de alguém.”.

A contribuição winnicottiana situa a saúde na condição criativa do sujeito e coloca o ser que desfruta da potência inventiva num contexto de amparo ambiental. O sujeito winnicottiano tem a tarefa sempre inconclusa, própria do humano, de contrastar o interno com o externo e confeccionar sua existência neste bailado das ilusões e decepções (Winnicott, 1975). Assim, os diversos significados do estar só na presença de alguém, (Winnicott, 2007) bem como os momentos que caracterizam a relação do indivíduo com a exterioridade ao longo da sua autoconfecção – a relação com objeto subjetivo, o espaço transicional e o uso de um objeto – representam fenômenos

---

<sup>8</sup> Caetano Veloso. Dom de Iludir. <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44719/>. Acessado em 20/05/2019.

<sup>9</sup> Inventividade da língua não é inventar outra língua, mas dar luz para as palavras e sentidos perdidos ou despercebidos, forçar a língua até dizer o que comumente não é dito, criando um caleidoscópio sobre realidades diversas. A literatura perturba regimes políticos, deixa insones os moralistas, denuncia e enuncia valores históricos, promove o riso e o choro sobre as mazelas humanas. Faz indagações, filosofa de ponta cabeça, graceja sobre as incertezas, cartografa existências, cria parâmetros atemporais, remexe nos inconscientes, reconta os amantes.

psíquicos que não desaparecem ao longo da vida e apontam para a indispensabilidade do outro na manufatura de toda outredade. (Graña, 2005, 63).

Para compor a existência, somos forçados à mestiçagem das próprias experiências com os contextos por onde passamos. Assim, o interno/externo está mais como o direito e o avesso da própria e profunda pele do que uma estética parental carimbada no lombo da alma. Portanto, ao tomar o uso do objeto (Winnicott, 1994), não estou aliançada com a ideia de um sujeito sem objeto que tem, fora dele, uma realidade da qual ele não é parte. Ao contrário, Winnicott permite que operemos na clínica com todo o arsenal da filosofia e vice-versa, pois, situar o objeto na zona intermediária da percepção humana é dotar de faculdades criacionistas a nossa relação com o externo, dando status de dobradura subjetiva (Deleuze, 1987, 137) a esta dupla espaço/tempo, na qual se revela o que tomamos por objeto.

E por que não pensar, então, que usar o objeto/ambiente é justamente a condição psíquica da imanência? Pois trata-se de transmutar o material experiencial em patrimônio subjetivo, ou seja, tornar-se alguém, é justo habitar o campo da invenção para si de um corpo, de uma psique /soma capaz de sustentar toda a vida.

Nascidos na dependência, sujeitos de necessidades (Pichon-Rivière, 1982), fazemos a vida a partir das circunstâncias que nela nos vemos envoltos. O objeto está para ser encontrado e para ser usado, cumprindo a tarefa de interligar o nascente com o vivente. A função do objeto de nutrir um tempo de indiferenciação nos começos (Pontalis, 1998) transmuta-se justamente frente ao paradoxo de se apresentar como pedaços de mundo a serem inventados na área de onipotência do humano. Objetos também são como portas, ou melhor, aberturas de mundos e de experiências. O usar o objeto é uma entrada irreversível na condição ficcionante do tornar-se, uma vez que o eu – ficção suprema de si - acontece e objetifica-se justo porque toma o mundo para si, apropria-se dele.

Por isso Proust faz sentido. O singelo, o lento, o ordinário, o recato, a guerra, a loucura, a fome, as crianças, as pessoas, o ciúme, os animais, os bosques. Tudo é a história de um tempo em que somos convidados a entrar em contato com a força incomum das palavras. Justamente o que fisga, nessa leitura, é o fato de ver o desfecho das vidas num contexto tão diferente do atual. A lentidão em Proust com certeza está em outra época e faz contraste com nosso tempo acelerado. Mas também se desfaz a temporalidade cronológica, e somos envoltos na nascente dos vínculos e na estratégia da aranha, ou melhor, em uma teia (Deleuze, 2016, 49). Assim, a poética das letras conjuga, na boa literatura, mundos paradoxais, assim como na vida relatada por quem acolhemos em nossa clínica.

### Às vésperas de ser

Impossível não ver. Aquele tempo quieto.

Tempo silencioso.

A casa vazia. A rua com sua poeira grossa.

Terra boa pr'aquelas bandas.

O calmo riacho onde se lavam as sujidades do mundo desce o morro se exibindo como um grande espelho.

A menina enxerga no gramado, exposta à estética dos corpos da família, através das roupas, lençóis, toalhas, meias, roupas íntimas, todas colocadas para quorar. As roupas marcando o “lugar que cada um recorta para si no visível<sup>10</sup>”.

Usar o sol para limpar a roupa, usar a terra, o riacho. Gestos ancestrais com sabor do tempo que expõe a intimidade que existe entre corpo e formação de universos compartilhados.

“Quorar como a magia de um gesto através do qual a força humana alia-se à força do sol para eliminar as impurezas que o olho não alcança e tornar os tecidos mais amorosos<sup>11</sup>.”

Quorar para entregar ao tempo o trabalho de renovar a vida. Na fala da paciente, territórios familiares são compostos dos gestos, e o quorar é um acontecimento privilegiado: molhadas e ensaboadas, as roupas de diferentes formas e tamanhos, estendidas sobre a grama criam um desenho como retrato de sua família.

Os Morais têm a limpeza como valor fundamental de sua gente. Alvas roupas garantem para toda trupe familiar a certeza de sua limpeza, entre a igreja e o riacho são gente branca, limpa, e decente. Aquecida ao sol, estendida na grama, cultivada nos morros, vai sendo confeccionada a alma dessa gente. Quando a vida dessa senhora se derrama em conversa, escuto invadida de imagens a revelação dos seus nascedouros.

O sentimento de si cria-se e recria com os vestígios da experiência num corpo que está sempre no processo de tornar-se. São os gestos que estão em Proust, dando consistência às vidas ordinárias das figuras que se apresentam na sua narrativa. Na clínica, encontramos os gestos como constituintes dos sujeitos, demarcadores de territórios de existência. A gestualidade como matéria prima dos vínculos. Aquilo que provê um sentimento de si e a possibilidade de inserção no mundo. Revela-se que produção estética e produção da existência podem ser plenamente coextensivas. Corpo e subjetividade são uma mistura de mundos e dimensões existenciais ou platôs, como

---

<sup>10</sup> Rolnik, S. Quorar a Alma. [www.ufjf.br/ppgace/files/2008/12/quorar-a-alma-rosvita-kolb.doc](http://www.ufjf.br/ppgace/files/2008/12/quorar-a-alma-rosvita-kolb.doc). Acessado dia 19/01/2019.

<sup>11</sup> Idem.

definido por Deleuze/Guattari (1995). Ao estarmos vivos, a vida está em obra e em realidade e poesia.

### **A vida dos pelados**

A boca enche-se de gosto. O gosto dos sentimentos escorre pela boca escancarada e pela língua flácida que não cabe na diminuta cavidade daquele gigante homem. Homem que não pode sentar, não pode falar, não conheceu a hospitalidade do mundo, e assim não tem olhos para ver a moça sentada na sombra da indômita árvore que assiste, sem escolha, a precária rotina da numerosa família de Aires. Aires vive nos ares, diz a cansada esposa, Aires é um desconhecido, diz o mal cuidado filho. Aires é um pai pelado, diz a delatora e ranhenta criança. Todos pretos, pobres de tão pretos<sup>12</sup>.

A casa parece pendurada no varal da natureza, mas se mantém ali, firme, desafiando qualquer regra de engenharia, e cumpre seu infortúnio de ser teto dessa gente pelada.

A moça, a salvo sob o teto da silenciosa e testemunha árvore, sente o gosto da tristeza, o cheiro da desventura dessas vidas sem escolha, dessa gente preparada para sofrer e que atribui, à chegada da mocinha, autoridade descabida. Ela, a moça, está paralisada, estômago embrulhado, garganta arranhada, alma entorpecida de sons e cheiros, vozes e súplicas.

Como rasgando o nada, a voz da encolhida visitante corta a monótona mesmidade daquela manhã na casa dos Aires. O próprio e grande homem, como que saltando dos ares, vê aquele corpinho pequeno com olhos atentos a mirá-lo e acomoda-se, na soleira de sua vida, com o seguinte e radical palavrório:

-Se você veio aqui porque eu ando pelado pode saber que é perda de tempo!

-Você anda pelado?

-Sim, ando pelado todo dia.

-Ele precisa saber que não pode ficar pelado na frente das crianças, por isso fui ao conselho, pra ver se tinham algum conselho pra mim. Aí disseram que ia vir uma doutora aqui em casa.

-E essa doutora é você? A doutora dos pelados???

-Sim, eu sou a psicóloga dos pelados! Resta saber quem são os pelados, porque podem ser muitos.

---

<sup>12</sup> <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44730/>  
Musica Haiti de Caetano Veloso. Acessado em 19/01/2019.

A frase é muito bem recebida por todos que mostram seus dentes, retorcem o corpo e inundam o quente dia com o som de seus risos. Rindo juntos, os Aires dão as boas vindas para a moça, que é mais moça que doutora.

A chegada da “doutora dos pelados” toda semana enche de novidades o casebre. O gigante homem vai cobrindo sua denunciante nudez do mundo. Toda gente está nua, mas se crê coberta, na verdade, de seus preconceitos. A nudez segue o agora falante homem, é a verdade de toda pessoa. Muita prosa e muito verso vão sendo talhados com palavras velhas ou com sonoridades novas. A conversa pode ser a dois ou com uma multidão, ou até mesmo um monólogo.

Fico tentada a contar todo o caminho daquele corpo grande, negro e pelado desde nosso encontro. Mas o que interessa mesmo é o mais lindo e emocionante verso que a língua solta, agora cheia de ritmos, oferece na sombra da árvore, agora cheia de espanto com tanta novidade: “Eu sou como um liquidificador antigo. Até funciona, mas tem outros mais modernos. Então estou lá no lixo sem saber que ainda funciono”.

Em um texto que Winnicott (1994) chamou de “Adendo à Localização da Experiência Cultural”<sup>13</sup>, vai justamente falar desta zona intermediária onde intensidades ganham forma no sonhar, fantasiar e brincar. Não que para ele estejamos falando de sinônimos, mas de dimensões do mundo psíquico que constroem sentidos ao vivencial. Relatando partes de seu sonho, bem como seu estado de consciência intermediário, vai dar ao cultural o lugar do processual, uma vez que habitar platôs é “uma capacidade que se tem (tenho) de viver nessa área” (Winnicott, 1994, 159) potencial e intermediária. Inclui a literatura como o próprio romance da vida e que, na clínica, o paciente nos fornece “um romance permanente que [se pode] ler sem o ato de ler ou que [se pode] escrever sem fazê-lo”.

Seguindo os passos de Winnicott, será na capacidade de estar só que encontraremos as condições de produzir o tédio, a reflexividade, a atitude contemplativa, a lentidão que força o humano à sua dimensão de mergulho na alteridade e na criatividade. A experiência de ser é descendente direta da constância e seus intervalos temporais. Tal assertiva nos mostra a psicanálise e, com mais elegante força, a literatura.

Tornar-se alguém será obra do paradoxo e de sua aceitação, diz o autor em questão (Winnicott, 1994, 173). “O bebê cria o objeto, mas este estava lá esperando para ser criado”, e assim, do caminho do relacionar-se com o mundo até a capacidade de usar o objeto/mundo, cada ser

---

<sup>13</sup> Neste texto, Winnicott refere-se ao seu trabalho “A Localização da Experiência Cultural” no livro *O Brincar e a Realidade*, publicado em 1967. É sobre a questão do contraste dentro/fora que o autor vai se debruçar.

faz sua singular e sofisticada trajetória. Tecer toda externalidade como dobra da existência é o ato mais engenhoso do humano, que faz de sua experiência as condições de uso do seu vir a ser. Mundo, tempo, espaço são recobertos pela intensidade das vivências e, deste incessante e radical encontro do animal humano com seu ambiente, floresce esta zona intermediária que buscamos na poesi.

Vai se perguntar Winnicott (1975, 134): “se a brincadeira não se acha nem dentro nem fora, onde é que ela se acha?” e, seguindo, diz: “meus pacientes (especialmente quando regressivos e dependentes, na transferência ou nos sonhos) ensinaram-me a encontrar uma resposta para a pergunta: onde fica a brincadeira?”. Essa pergunta é uma fresta, e é através dela que podemos encontrar o diálogo com o paradigma estético ou a filosofia artista nomeada por Deleuze.

Deve ser por isso que, na era da imagem como imperativo da existência, florescem as oficinas de escrita e os clubes de leitura, porque nos cabe, como humanoides, a tessitura artesanal e intransferível de nossa vida.

## Referências

- Couto, Mia. (2008). *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Deleuze, Gilles. (1987). *Foucault*. Buenos Aires: Paidós.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Crítica y clínica*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs. Vol. 1. Capitalismo Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (2016). Mesa-Redonda sobre Proust. Em: *Dois Regimes de Louco*. (pp.35-62). Rio de Janeiro: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (2010). *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- Graña, Roberto. (2005). *A Carne e a Escrita – Um Estudo Psicanalítico sobre a Criação Literária*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nietzsche, F. (1989). *Ecce Homo*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- Winnicott, D. W. (2007). *A Capacidade para Estar Só*. Em: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (2000). *A Observação de Bebês numa Situação Padronizada*. Em: *Da Pediatria à Psicanálise*. (pp. 112-132). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Sobre “O Uso de um Objeto”*. Em: *Explorações Psicanalíticas*. (pp. 170-191). Porto Alegre: Artemed.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Adendo a A Localização da Experiência Cultural*. Em: *Explorações Psicanalíticas*. (pp. 157-159). (Porto Alegre: Artemed.
- \_\_\_\_\_. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pichon-Rivière, Enrique. (1982). *Teoria do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pontalis, J. B. (1988). *O Amor dos Começos*. Rio de Janeiro: Globo.
- Rolnik, Suely. Acessado em 28/12/18  
[www.ufjf.br/ppgace/files/2008/12/quarar-a-alma-rosvita-kolb.doc](http://www.ufjf.br/ppgace/files/2008/12/quarar-a-alma-rosvita-kolb.doc)